Terceira parte – Gênero, Cultura e Capoeiragem

Capítulo 9 - Corpo, movimento e ludicidade: a capoeira como brinquedo em Gabriel Ferreira

Josivaldo Pires de Oliveira
Luiz Augusto Pinheiro Leal

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEIRA, J. P., and LEAL, L. A. P. Corpo, movimento e ludicidade: a capoeira como brinquedo em Gabriel Ferreira. In: *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 161-176. ISBN: 978-85-232-1726-6. Available from: doi: [10.7476/9788523217266.011](https://doi.org/10.7476/9788523217266.011). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/96v9g/epub/oliveira-9788523217266.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Corpo, movimento e ludicidade: a capoeira como brinquedo em Gabriel Ferreira

O corpo, no movimento da capoeira, possui uma dinâmica própria de ludicidade que poucas vezes pode ser captado através da imagem fixada em pinturas ou fotografias. Mestre Pastinha, em seu muito citado, mas pouco estudado livro *Capoeira angola*¹, comentava os limites do registro fotográfico frente às infinitas possibilidades de gestualidade (golpes) na capoeira angola. E realmente foram poucos os artistas que conseguiram captar a essência lúdica e criativa da capoeira – um verdadeiro brinquedo popular – através da produção de sua arte. Contudo, felizmente, existem exceções.

Na década de 1960, a extinta Editora Itapoã, de Salvador, Bahia, lançou para o público o livro *Capoeira angola: ensaio sócio etnográfico*, de Waldeloir Rego, citado nos diferentes ensaios que compõem a presente publicação. Este livro que ocupa hoje cadeira de obra rara na literatura da cultura afro-brasileira foi, talvez, o principal responsável pela notoriedade que ganharam, entre o público leitor e capoeirístico, os mágicos traços de Carybé sobre a capoeira baiana.² A partir de então, as gravuras do artista plás-

¹ PASTINHA, Mestre, *Capoeira Angola*..

² Uma mostra interessante de sua obra se encontra em CARYBÉ. *As sete portas da Bahia*. 5. ed.. Rio de Janeiro: Record, 1987.

tico argentino radicado na Bahia, saltaram das telas para ocupar as estampas no universo da capoeira, seja na literatura, nas camisetas ou nas ilustrações dos espaços onde se desenvolvem ainda hoje as atividades da capoeira.

Em seu trabalho, Carybé consegue expressar os intrincados e diversificados significados dos movimentos da capoeira por meio de suas criativas ilustrações. Apesar da dificuldade, citada acima, de se obter tal representação, Carybé consegue desenvolver sua arte graças à proximidade e à vivência que teve junto à capoeira e aos capoeiristas de seu tempo. Desse modo, suas gravuras imprimiram no universo da capoeiragem uma memória imagética da capoeira de outrora. Pode-se afirmar ainda que a obra do artista direta ou indiretamente influenciou jovens artistas das artes plásticas da Bahia. Alguns deles, inclusive, também podem ser citados como pessoas que conseguiram captar a riqueza e expressividade dos movimentos da capoeira em seus trabalhos. Este é o caso do baiano Gabriel Ferreira, cuja seleção de obras, intitulada *Capoeiragem*, compõe este capítulo do livro.³

O objeto aqui descrito é o jogo da capoeira angola.⁴ Nessas telas foi possível identificar movimentos característicos da vadia-

³ Gabriel Ferreira nasceu no município de Tanquinho (BA), em 1978. Atua em Feira de Santana (BA). Já ilustrou diversos trabalhos, entre os quais o livro *No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia* (Quarteto, 2005), de Josivaldo Pires de Oliveira, e *Mestres e capoeiras famosos da Bahia* (Edufba, 2009), publicação coordenada pelo professor Pedro Abib. A obra de Gabriel Ferreira já conta com diversas exposições, tanto na Bahia quanto em outros estados brasileiros. As telas aqui publicadas fazem parte da série *Capoeiragem*, que já passou por diferentes salões. É bacharel em Economia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e atualmente atua como facilitador de oficinas de criação artística no Instituto Maria Quitéria (IMAQ).

⁴ Essa afirmação toma como base a declarada paixão do artista pela capoeira angola, assim como a experiência do seu grupo de convívio, do qual os autores deste ensaio fazem parte, não apenas como capoeiristas, mas também como “políticos da capoeiragem”.

ção dos angoleiros, inclusive a dinâmica do entrelaçar dos corpos orientados por um ritmo imaginário que sugere o saltar das telas riscadas a nanquim.

O jogo se inicia com a orquestra dos berimbaus, ou seja, um conjunto de instrumentos percussivos que, acompanhados de outros mais, como o pandeiro, o agogô, o reco-reco e o atabaque, produzem a estrutura de musicalidade necessária para o desenvolvimento do jogo. Ao saudar o berimbau, mestre-mor da roda de capoeira, tem início jogo com diferentes movimentos corporais, desenhando um texto a ser interpretado pelo público que, encantadamente, assiste o divertido e, às vezes, perigoso espetáculo. São eles a “meia-lua”, o “aú”, o “rabo-de-arraia”, a “chapa”, movimentos de ataque e contra-ataque que dão significados ao “brinquedo dos angolas”.⁵ De repente, são a “chamada” de costas, lateral, de frente..., movimentos que expressam o perigo que o jogo pode representar. O capoeira para, seu corpo gestualiza perguntas querendo respostas do seu comparsa na brincadeira. Quando a resposta aparece, o jogo tem continuidade e assim por diante até findar. Ao finalizar a roda, a festa pode ser abrilhantada com o provocante samba de roda. Esta é a dinâmica do jogo da capoeira que pode ser lida no texto artístico de Gabriel Ferreira.

⁵ Expressão utilizada pelos antigos, fazendo referência à presença majoritária dos negros angolas na capoeira baiana.

A orquestra: berimbaus e pandeiro...

A orquestra: pandeiro, agogô e tambor...

Os berimbaus...

A saudação...

A meia-lua...

O aú...

O rabo de arraia...

A chapa...

Chamada lateral...

Chamada de costas...

Chamada de frente...

Saída de chamada...

Samba de roda...